

Aula 17

BENS CULTURAIS DE NATUREZA INTANGÍVEL

META

Reconhecer a importância dos saberes e fazeres para herança cultural de um povo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar a importância dos saberes e fazeres como bens culturais;
apresentar a definição de tecnologia patrimonial; e
discutir a relação entre saberes e fazeres e os embates da sociedade capitalista.

PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado e assimilado o conteúdo das lições 01 a 10 da primeira unidade, bem como as aulas anteriores desta.

Verônica Maria Meneses Nunes
Luís Eduardo Pina Lima

“... aprender pra quê? Se ninguém compra...”.

INTRODUÇÃO

Você sabe quem disse esta frase? Foram rendeiras de Poço Redondo, emitindo suas opiniões sobre a diminuição na procura dos seus artesanatos de linha. Ela revela também a dificuldade que enfrenta a referida comunidade em manter viva a memória relativa à elaboração desses tipos de artefatos. (Ver SANTOS, 2001: 17)

Preocupações como estas são muito comuns em diferentes partes deste país. Daí a urgência em preservar os vários tipos de saberes e fazeres que estejam se perdendo no emaranhado desta sociedade capitalista, que não tem tempo para esperar, nem valorizar, o lento processo de produção das mãos habilidosas dos artesãos.



Parede de adobe (Fonte: <http://www.baixaki.ig.com.br>).

TECNOLOGIA PATRIMONIAL

Se voltarmos a dar uma olhada no Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000, no inciso I, do parágrafo 1º, do já citado artigo 1º, veremos que o legislador regulamenta a criação do Livro de Registro dos Saberes, onde devem ser “...inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades.”

Por meio da concretização desse ato administrativo, institui-se uma nova modalidade de saberes e fazeres que podemos chamar de tecnologia patrimonial. O surgimento desse novo conceito foi extremamente útil para reafirmar a importância do artesanato como testemunho da memória de uma determinada comunidade.

A tecnologia patrimonial revela não só uma forma de artesanato, mas a complexa relação de uma rede de saberes representados na materialização da memória coletiva.

Dessa forma, a memória se torna, mais uma vez, um ato de resistência aos entraves proposto pela sociedade capitalista. A teima em preservá-la, revela a qualidade de homens que têm a coragem de serem cidadãos, que lutam pela sua identidade e que não se cansam de cavar fundo no seu solo cultural, em busca de raízes mais profundas.



Renda de bilro (Fonte: <http://www.br.geocities.com>).



Preste atenção neste texto escrito pela Prof^a. Beatriz Góis Dantas e discuta com seu tutor as questões que serão propostas em seguida:

“...Menor não é o risco das mulheres de não ter quem compre os bordados executados silenciosamente e as rendas tecidas ao som das batidas dos bilros que dançam movimentados pelas ágeis mãos das rendeiras sobre a almofada e o molde de papelão. Guardar as rendas feitas, que terminam amarelecendo em caixas que não se esvaziam por falta de freguês, faz parte do cotidiano dessas rendeiras, dando, às vezes, a impressão que elas tecem as rendas para não ficarem paradas ou, quem sabe, para exercitarem seus dotes de exímias coreógrafas e maestrinas a comandarem a dança frenética e a música alegre dos bilros com que se distraem, nos dias quentes e modorrentos dos sertões.” (In: SANTOS:2001,introdução)

A que “fazer” a Prof^a Beatriz G. Dantas se refere? Por que ela afirma que as rendas terminam amarelado em caixas que não se esvaziam? O texto fala da atividade das rendeiras de Poço Redondo. Será que você sabe em que região geográfica de Sergipe encontra-se localizada essa cidade?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O texto faz referência à atividade de confecção de rendas de bilros, que se encontra em franca decadência em diferentes regiões de Sergipe. Ao destacar que elas terminam amarelando em caixas que não esvaziam, a professora se refere à falta de compradores, o que leva as jovens da região a não terem interesse em aprender o referido fazer, por não enxergarem nele uma atividade rentável.

A cidade de Poço Redondo encontra-se localizada no sertão de Sergipe.

CONCLUSÃO

Caro aluno, ou estimada aluna: como vimos nesta aula, tratar como bens patrimoniais elementos imateriais, como “o fazer” e “o saber”, é tão importante que as autoridades mundiais asseguraram em Lei as necessidades

de respeito e de preservação desses valores. Aqui no Brasil, seguindo o exemplo, também está garantido em Lei, através do decreto já amplamente referido, os conhecimentos e os “modos de fazer” das comunidades.



RESUMO

Pela legislação patrimonial em vigor, o Brasil reconhece que os saberes e fazeres são considerados bens de natureza imaterial. Ela também criou a categoria de tecnologia patrimonial, formada pelos bens desta natureza que foram considerados relevantes para manutenção da memória de uma determinada comunidade.

Assim sendo, a preservação desses saberes e fazeres representa uma verdadeira forma de resistência diante dos entraves da sociedade capitalista.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos estudar a metodologia da educação patrimonial.

Leitura Recomendada

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. Catálogo de artesãos de Poço Redondo. Aracaju: Instituto Xingó/CHESF/SUDENE/MCT/CNPq/ Unidade de Projeto Arqueologia e Patrimônio Histórico/Cendop, 2001.



LEITURA COMPLEMENTAR

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. Catálogo de artesãos de Poço Redondo. Aracaju: Instituto Xingó/CHESF/SUDENE/MCT/CNPq/ Unidade de Projeto Arqueologia e Patrimônio Histórico/Cendop, 2001.

REFERÊNCIAS

CATÁLOGO do Artesanato Sergipano. Aracaju: Secretaria da Indústria e Comércio/Programa de Desenvolvimento do Artesanato, 1983.

DANTAS, Beatriz G. **Rendeiras de Poço Redondo:** vida e arte das mulheres que batem bilros no sertão do São Francisco. Aracaju: Instituto Xingó, Arqueologia e Patrimônio Histórico, Centro de Documentação e Pesquisa do Baixo São Francisco, 2002. Digitado

NUNES, Verônica Maria M. **Poço de História.** Memorial Descritivo das ações do CENDOP em Poço Redondo. Canindé do São Francisco: programa Xingó/Área Temática Arqueologia e Patrimônio Cultural/CENDOP, 2001. Digitado.

Aula 18

EDUCANDO PARA O PATRIMÔNIO

META

Apresentar a Educação Patrimonial como possibilidade para o uso educativo do patrimônio.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: compreender a educação patrimonial como metodologia para desenvolver a conscientização, para a salvaguarda do patrimônio cultural.

PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado e assimilado o conteúdo das aulas 01 a 17.

Verônica Maria Meneses Nunes
Luís Eduardo Pina Lima

INTRODUÇÃO

Caro aluno, ou querida aluna: nas aulas anteriores informamos que o patrimônio cultural é diversificado. Dele fazem parte tanto os monumentos arquitetônicos, representativos da memória nacional e local, entendidos como objetos históricos e artísticos, bens consagrados e protegidos por leis municipais, estaduais e federais, quanto outras formas de expressão cultural, como as danças, os cantos, o artesanato, a culinária, modos de falar, de vestir, as festas e celebrações. Todos esses elementos contribuem para a construção da identidade. Essa diversidade patrimonial nos proporciona uma visão ampla do processo histórico e nos leva à compreensão de que, sob a ótica da cultura, uma sociedade não é mais importante do que a outra.



Reisado de Sabal. Pirambu, SE. (Fonte: [http:// www.skycrapercity.com](http://www.skycrapercity.com)).

CIDADANIA E PATRIMÔNIO

Você deve estar se perguntando: professora, o que patrimônio tem a ver com educação ou com o processo de ensino e aprendizagem de história? É simples! Na verdade, é a escola o lugar apropriado para o conhecimento e valorização dos elementos constitutivos do patrimônio cultural, associando esse patrimônio à história local.

A educação centrada no objeto visa dar consciência ao aluno sobre a importância do patrimônio cultural, despertando atitudes e valores, enfatizando o domínio afetivo no processo de aprendizagem, isto porque o patrimônio cultural e o meio ambiente histórico em que está inserido oportunizam despertar no aluno sentimentos de surpresa e curiosidade, instigando-o a conhecer mais sobre o patrimônio.

Outro aspecto que a educação para o patrimônio proporciona diz respeito à cidadania. Um bem cultural, na atualidade, não é preservado só pelo seu valor estético, arquitetônico ou histórico, mas por ter significação para a comunidade em que está inserido. Neste caso, é preciso saber se a preservação contribui para a melhoria da qualidade de vida e para construção da identidade local.

As raízes da **Educação Patrimonial** estão na Inglaterra, quando as escolas buscaram os museus e os monumentos para pesquisar a cultura material.

Ver glossário no final da Aula

Outro exemplo do uso do patrimônio no ensino pode ser encontrado em Portugal, que resultou na educação pluridimensional e multicultural, onde uma das finalidades é a transmissão do patrimônio cultural.

Na América Latina, os países que se distinguem com a implantação da Educação Patrimonial são o Chile, o México e o Uruguai.

No Brasil, a Educação Patrimonial foi divulgada pela museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta em termos práticos e teóricos. Mas, até o presente, são propostas que procuram atingir a população através da educação ambiental, patrocinadas por biólogos, embora de forma fragmentada, através da educação histórica em locais de preservação, como as Ruínas Jesuíticas, no Rio Grande do Sul, entre outras.

A Educação Patrimonial é conceituada como “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e de enriquecimento individual e coletivo” (Horta, 1999:6). Desse modo, os objetos e expressões culturais são referências observáveis que proporcionam a obtenção de respostas sobre o passado, na medida em que os bens culturais materiais e imateriais atestam experiências anteriores e são vestígios para compreender o presente.

Entretanto, as propostas sobre Educação Patrimonial são desenvolvidas por museus ou projetos específicos que, mesmo interagindo com a comunidade escolar, muitas vezes não possuem continuidade.

A metodologia é desenvolvida em quatro etapas: observação, registro, exploração e apropriação. Por isso, o objeto (bem cultural material ou imaterial) é fonte de informação que pode ser complementada por outras.

O PCN para o ensino médio de História não referencia a educação patrimonial, entretanto, destaca a importância do patrimônio cultural ao estabelecer que “Introduzir na sala de aula o debate sobre o significado de festas e monumentos comemorativos, de museus, arquivos, áreas preservadas, permeia a compreensão do papel da memória na vida da população, dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, das raízes culturais e históricas que caracterizam a sociedade humana. Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com as ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para desenvolvimento de uma aprendizagem significativa” (PCN, 2002:306).



ATIVIDADES

Partindo da questão: o que lembramos, ou, o que esquecemos? O professor-tutor deve levar os alunos a construir um texto sobre eles e sua relação com a localidade. Para isso podem ser usados objetos pessoais que desencadeiem a memória.

Em seguida, desenvolver as cinco etapas da metodologia exposta em aula.

CONCLUSÃO

Destacamos que o bem cultural é um recurso para a construção e solidificação da identidade cultural, por resultar do conhecimento dos valores e do entendimento do passado, considerando que ele é um vestígio que permite o exercício de cidadania através do acesso ao bem cultural, e compreendendo a história local.



RESUMO

Na aula de hoje você tomou contato com a relação entre ensino de história e patrimônio, e aprendeu que:

- a) o patrimônio cultural de uma comunidade é diversificado;
- b) a metodologia para aprender sobre o patrimônio é a educação patrimonial; no Brasil, a Educação Patrimonial não está inserida no processo educacional;
- c) a educação patrimonial nos proporciona conhecer e aprender o bem cultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília : MEC, SEMTEC, 2002. p. 298-308.
HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília : IPHAN, Museu Imperial, 1999.

MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. **Didáctica da História**. Patrimônio e história local. Lisboa; Texto Editora, 1994.

ORLÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 6 ed. São Paulo : Contexto, 2002.

SOARES, André Luiz Ramos (org.). **Educação patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria/RS : Ed. UFSM, 2003.

GLÓSSARIO

Educação patrimonial: “A educação patrimonial é um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural” (HORTA;GRUNBERG; MONTEIRO. Guia Básico de Educação Patrimonial, 1999, p. 6).

Aula 19

EDUCANDO PARA O PATRIMÔNIO II: museus e monumentos

META

Entender que o espaço museológico e o espaço público (rua, praça, jardim, edifícios civis e religiosos) são locais de aprendizagem e de experiência de preservação de referências patrimoniais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: elaborar um projeto didático, utilizando a metodologia da Educação Patrimonial em conteúdo da História de Sergipe, a partir de um objeto escolhido em um dos museus existentes no Estado.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo das lições 01 a 18.

**Verônica Maria Meneses Nunes
Luís Eduardo Pina Lima**

INTRODUÇÃO

Caro aluno, ou estimada aluna: as experiências do uso de museus, monumentos, cidades históricas no Brasil, no ensino de história, existem desde os anos 1950. Em 1963, o prof. João Alfredo Libanio Guedes publicou seu livro “Didática da História na Escola Secundária” e nele destaca, na parte referente à Prática de Didática Especial da História, excursões a museus e locais históricos, demonstrando os momentos em que tais atividades poderiam acontecer e os usos exploratórios que poderiam ser desenvolvidos pelo professor com os alunos. Não se tratava de Educação Patrimonial, que, como já sabemos, só foi instituída nos anos 1980, mas, o prof. Libanio já introduzia a observação, em que pese essas visitas servirem para se conhecer personagens e/ou fatos históricos, obtendo como resultado a produção de monografias escritas pelos alunos.



Comidas típicas do ciclo junino (Fonte: <http://www.osentimentodeeducar.blogspot.com>).

EDUCANDO

Em realidade, os educadores dos anos 1950, sob a influência de Anísio Teixeira, introduziram as idéias do uso educacional de museus. E ao propor a aplicação prática dos princípios da Escola Nova transformou o interior do museu a serviço da melhoria da qualidade do ensino, ocorrendo o que se denomina de “escolarização dos museus” (LOPES, 1991:445), que, ao longo dos anos 1990, foi paulatinamente sendo modificada no sentido de que o museu não é “estabelecimento educacional, mas uma fonte de estímulo intelectual” (Santos, 1993:89). Para a referida autora, “a relação

entre museu e educação é intrínseca, pois o ato de preservar deve ter o objetivo de contribuir para a formação do cidadão para que ele possa criar e transformar a realidade, tendo como base a cultura produzida, que será o estímulo para um novo fazer cultural” (Santos, 1993:106).

O monumento localizado em praças (estátua, herma, obeliscos), já sabemos, evoca algo ou alguém e, de certo modo, está a serviço da cultura cívica, com sentido de construção da “memória da nação”. Os edifícios, sejam eles civis, religiosos ou públicos, além da noção do estilo, também são portadores de uma informação. A escola deve ir ao encontro desse patrimônio. Manique e Proença (1994:57) afirmam que não há vídeo, fotografia, que substituam a presença do monumento ou do objeto uma vez que é o contato do aluno com o patrimônio que permite o diálogo com o passado, entender dentro do contexto porque deve preservar. O monumento não serve só para ilustrar os livros.

A metodologia da Educação Patrimonial empregada nos museus e nos monumentos desenvolve a imaginação criativa além de permitir o aspecto formativo do respeito e compreensão do significado do patrimônio cultural.



Sob a orientação do tutor, elabore o planejamento de uma atividade para a classe que proporcione uma visita a um museu ou monumento, aplicando as etapas da metodologia da educação patrimonial.

CONCLUSÃO

As possibilidades de aprendizagem do ensino de história no museu e nos monumentos são vastas, uma vez que ambos contribuem para o entendimento da construção do patrimônio cultural, e da sua diversidade



Nesta aula compreendemos que:

- o museu e o monumento são espaços de aprendizagem;
- o objeto, esteja no museu ou em local público, é capaz de estabelecer um diálogo que aborde diversidade, temporalidade, formas de saber e fazer, formas de representação, entre tantos outros elementos que caracterizam a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula**. 6 ed. São Paulo : Contexto, 2002. p. 104-116.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília : MEC, SEMTEC, 2002.
- GUEDES, João Alfredo Libânio. **Curso de Didática da História**. Rio de Janeiro : J. Ozon Editor, 1963.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília : IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. A análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, Guaraçira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina (orgs.). **Educação e museus: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências**. Rio de Janeiro : Access, 2003. p. 107-128.
- LOPES, Maria Margaret. **A favor da desescolarização dos museus**. Educação e Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/CEDES, 1991, ano XII, n. 40, p. 443-445.
- MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. **Didáctica da história: património e história local**. Lisboa : Texto Editora, 1994.
- SANTOS, Maria Célia T. M. Ação cultural e educativa nos museus. In: **Repensando a ação cultural e educativa nos museus**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993. p. 93-110.
- SANTOS, Maria Socorro Soares. **Patrimônio e Identidade: uma experiência com educação patrimonial em Tomar do Geru/SE**. 2007. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal de Sergipe-CECH-DHI.
- SOARES, André Luiz Ramos (org.). **Educação patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria/RS : Ed. UFSM, 2003.

Aula 20

EDUCANDO PARA O PATRIMÔNIO: OS BENS IMATERIAIS

META

Demonstrar, a partir da educação patrimonial, a importância de valorizarmos saberes e fazeres.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
construir um conceito de educação patrimonial; distinguir as diferentes etapas da educação patrimonial; e explicar a dimensão cidadã da educação patrimonial.

PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado e assimilado o conteúdo de todas lições anteriores.

Verônica Maria Meneses Nunes
Luís Eduardo Pina Lima

INTRODUÇÃO

Educar é formar cidadãos

Que expressão forte, rica em conteúdo, com vasta aplicação para a vida, você não acha, caro aluno ou querida aluna?

Você já prestou atenção para o fato de que todo processo educacional tem uma meta a ser alcançada? Na sistematização da educação brasileira não é diferente, pois os três níveis da educação básica estão estruturados para formar cidadãos conscientes dos seus direitos e, portanto, respeitosos com relação ao direito do outro.



Grupo de Coco “Lariô da Tartaruga”, Pirambu-SE. (Fonte: <http://www.claudemirtavares.blogspot.com>).

BENS INTANGÍVEIS

Chegar ao ensino médio é a meta final da educação básica. Nele, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecidos em 1999, busca-se construir cidadãos capazes de serem esteticamente sensíveis aos problemas das outras pessoas; politicamente conscientes dos seus direitos e deveres e eticamente comprometidos com uma mudança verdadeiramente consistente de mentalidades, principalmente no que diz respeito à aceitação das diferenças.

No Brasil, país reconhecidamente pluricultural, todos os professores são incentivados a ajudar os alunos a reconhecerem tanto a importância dos bens materiais como do patrimônio vivo (festas, rituais, saberes e fazeres).

Nosso objetivo deve ser levá-los a utilizar suas capacidades reflexivas para adquirir conceitos e habilidades que sejam usados na prática, no cotidiano de suas vidas, possibilitando mudanças comportamentais verdadeiramente efetivas. Visto que o patrimônio cultural encontra-se em todas as partes, ele é fruto da produção humana e nos possibilita o conhecimento sobre nós mesmos, bem como sobre o contexto que nos rodeia. Na realidade, a noção sobre o patrimônio não se aprende, vive-se.

É por isso que o IPHAN procura preservar, difundir e valorizar o acervo cultural de nosso país. Seu objetivo é fazer com que o homem passe a reconhecer o valor do seu próprio patrimônio e o do outro, para que possa, dessa forma, “... comprometer-se com ações em prol da preservação e valorização...” desses bens. (IPHAN, 2005)

Enfim, uma última ação fundamental em termos de Educação Patrimonial é implementar ações que estejam em consonância com a política definida institucionalmente. Dessa forma, podemos criar redes de informações que nos possibilitem intercambiar acervos ou, quem sabe, receber visitas de museus que possuam projetos pedagógicos itinerantes, inclusive fazendo com que este processo se estenda a “... todo e qualquer cidadão, com estratégia de convertê-lo a ser mais um guardião do nosso patrimônio cultural”. (IPHAN, 2005)



O Guia básico de educação patrimonial do IPHAN nos propõe que educação patrimonial é: “... um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primeira de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo.” (HORTA, 1999)

Tendo em vista o referido conceito, qual seria, em sua opinião, a atitude pedagógica mais recomendável para o professor que queira colocá-lo em prática?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A atitude mais importante que qualquer educador deve ter é criar possibilidades para que o seu processo de ensino e aprendizagem extrapole os limites da escola, fazendo com que seu aluno identifique objetos, funções, discuta significados, fazendo-o desenvolver uma cuidadosa percepção visual, e ao mesmo tempo simbólica, do mundo que o rodeia.

CONCLUSÃO

Nesta aula ficou evidenciada a necessidade do reconhecimento dos diversos valores que compõem o patrimônio cultural de um povo, tema já abordado em aulas anteriores. Aqui nós vimos mais detidamente o papel da educação formal na construção de cidadãos comprometidos com a preservação desses bens, tanto materiais como imateriais.



RESUMO

A educação patrimonial deve ser um processo constante que oriente as pessoas no sentido de conhecerem melhor a riqueza dos seus bens culturais. Vista por essa óptica, trata-se de uma atitude de mudança de mentalidade, que se concretiza em ações cotidianas de respeito às diferenças e na promoção de ações cidadãs que visem proteger e conservar o patrimônio coletivo.



LEITURA COMPLEMENTAR

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Eveline; MONTEIRO, Adriana Queiroz. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC, 1999.

CAMPANI, Adriana. Educação patrimonial: uma experiência em busca da inovação no ensinar e no aprender. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.78. n. 188-190, 1997. pp. 7-21

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da; FILHO, Manoel Luiz Cerqueira e SOUZA, Josefa Eliana. **Sociedade e cultura sergipana: parâmetros curriculares e textos**. Aracaju: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer, 2002.